

Cristiano Miguel Stefanello¹
Renata Colbeich da Silva²
Marcus Vinicius Morini Querol³

O VELHO E O RIO: AUTOBIOGRAFIA E PERCEÇÃO AMBIENTAL DE UM BALSEIRO DO RIO URUGUAI

THE OLD MAN AND THE RIVER: AUTOBIOGRAPHY AND ENVIRONMENTAL PERCEPTION OF A FERRYMAN RIO URUGUAY

¹ Zootecnista do Curso de Engenharia de Aquicultura da Universidade Federal do Pampa, doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências – Universidade Federal do Pampa (Unipampa)

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

³ Docente Associado da Universidade Federal do Pampa (Unipampa)

RESUMO

Tomando como ponto de partida a obra “O velho e o mar” de Ernest Hemingway (1952), o presente texto aborda, inspirado em teorias sobre a percepção e sobre autobiografias, a relação de Seu Antônio, antigo balseiro do rio Uruguai, com questões ambientais referentes a pesca e a conservação do rio Uruguai. A partir de passagens de sua narrativa de vida, tentamos mesclar entre o vivido, percebido e o imaginado da literatura, formas de como personagens acionam diferentes sentidos e sentimentos que se misturam com o lugar que habitam.

PALAVRAS-CHAVE: rio Uruguai; percepção; autobiografia; pesca; conservação.

ABSTRACT

Taking as a starting point Ernest Hemingway’s work “The Old Man and the Sea” (1952), this text addresses, inspired by theories on perception and autobiographies, the relationship of Mr. Antônio, a former raft operator on the Uruguay River, with environmental issues related to fishing and the conservation of the Uruguay River. Drawing from passages of his life narrative, we attempt to blend the lived, perceived, and imagined aspects of literature, exploring how characters engage different senses and emotions that intertwine with the places they inhabit.

KEYWORDS: Uruguay River; perception; autobiography; fishing; conservation.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta-se como um recorte da pesquisa de doutorado do primeiro autor, denominada “Percepção da educação ambiental entre pescadores do médio rio Uruguai, como gerador de estratégias educacionais e de qualidade de vida”. A tese, em sua construção, busca compreender as percepções de membros das colônias e associações de pescadores do rio Uruguai médio, na fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul, sobre a educação ambiental. Para tal, nos dedicamos a pensar, dentre as diferentes tramas que atravessam o campo antropológico, as narrativas autobiográficas de Seu Antônio, presidente da Associação dos Pescadores Artesanais de Uruguaiana/RS, pelo viés da antropologia da percepção, a partir de Tim Ingold.

A abordagem metodológica adotada neste estudo foi fundamentada nos princípios da antropologia da vida de Tim Ingold, que enfatiza a importância dos sentidos na compreensão do mundo. Ingold destaca que a visão, audição e movimento humano são elementos fundamentais para a apreensão da vida cotidiana, argumentando que esses aspectos devem ser incorporados de maneira integral no fazer antropológico (INGOLD, 2008).

No contexto da pesquisa sobre a pesca e o ambiente no médio rio Uruguai, a metodologia incorporou a busca ativa por pescadores, adotando métodos que facilitam a imersão nos contextos culturais locais. A parceria estabelecida com Seu Antônio, presidente da Associação dos Pescadores Artesanais de Uruguaiana/RS, transcendia a simples coleta de dados quantitativos, buscando, de maneira semelhante à abordagem de Ingold, explorar as ricas histórias e vivências pessoais dos pescadores.

Ao adotar essa perspectiva, a pesquisa foi além da simples obtenção de informações objetivas, incorporando a autobiografia de Seu Antônio. Essa abordagem permitiu uma imersão mais profunda nas complexidades culturais e nas dinâmicas sociais que permeiam a atividade pesqueira na região do médio rio Uruguai. Dessa forma, a colaboração não se limitou à obtenção de dados brutos; ao contrário, enfoco na narrativa pessoal, tradições orais e perspectiva individual, contribuindo para uma análise mais rica e contextualizada das interações entre o ambiente e as nuances culturais envolvidas na pesca artesanal.

Seu Antônio, atuando como informante estratégico, enriqueceu nossa compreensão ao compartilhar não apenas dados quantitativos, mas também uma visão mais profunda e subjetiva. Sua contribuição ultrapassou a resposta ao questionário, revelando-se como um generoso compartilhador de sua história pessoal. Ao compartilhar suas experiências ao longo das décadas de envolvimento com o rio Uruguai, Seu Antônio proporcionou uma imersão completa em sua vida, apresentando um acervo rico da relação entre sua cultura e o ambiente do rio.

Além de compartilhar suas experiências, Seu Antônio transformou sua casa em um verdadeiro santuário da memória, disponibilizando-a como sede da

associação e espaço para o registro de memórias relacionadas à pesca no médio rio Uruguai. Os murais em suas paredes contam não apenas a trajetória de um pescador, mas revelam uma comunidade entrelaçada com as águas do rio por meio de fotos, relatos, reportagens e documentos, já desgastados pelo tempo, conforme as imagens que apresentamos ao longo do texto. Pastas organizadas expõem décadas de vivências, proporcionando aos visitantes a oportunidade única de mergulhar nas experiências que moldaram não só a vida de Seu Antônio, mas também na rica tapeçaria cultural ao longo das margens do Uruguai.

Neste ambiente meticulosamente elaborado ao longo dos anos, a casa de Seu Antônio transcende sua definição simples de residência, tornando-se um ponto de encontro. Aqui, as histórias fluem tão naturalmente quanto as águas do rio, criando um espaço onde o passado se entrelaça com o presente, celebrando a herança cultural que flui como um rio ao longo das margens do Uruguai.



Figura 1: Seu Antônio exibindo com orgulho seu valioso acervo na casa/sede da associação, testemunhando décadas de histórias e vínculos entre a comunidade e o rio Uruguai. Foto enviada por WhatsApp pela esposa do interlocutor em 16 de abril de 2022.

Desse modo, as narrativas de Seu Antônio, que vão além de relatos isolados, tornam-se peças fundamentais na tessitura do entendimento da complexa relação entre os pescadores e o ambiente do rio Uruguai. Esse enfoque permite não apenas a compreensão das práticas pesqueiras, mas também a percepção das transformações ambientais ao longo do tempo e como essas experiências moldaram a visão e interação do informante com o rio.

Autobiografias são frequentemente utilizadas na antropologia como uma forma de obter uma compreensão mais profunda da experiência. Elas fornecem uma visão única e pessoal da vida e das práticas. Além disso, as autobiografias também podem fornecer informações sobre as mudanças históricas nas relações

com o ambiente. A percepção é elemento importante em autobiografias porque permite a compreensão de quem narra sobre suas próprias. Isso afeta suas memórias e interpretações dos eventos em sua vida e pode dar uma perspectiva mais ampla e compreensiva sobre as escolhas e ações do narrador, além de enriquecer a autobiografia.

Assim, ao ilustrar as práticas ligadas às águas, os relatos de pescadores mais velhos podem fornecer informações sobre como as práticas pesqueiras eram antes da industrialização, permitindo a compreensão mais profunda e pessoal da experiência dos pescadores e de comunidades. As narrativas também podem ser utilizadas para compreender as mudanças históricas nas práticas pesqueira e na cultura da pesca, e é assim que as narrativas de Seu Antônio sobre o rio Uruguai nos fizeram atentar para uma possível analogia à obra de Ernest Hemingway, "O Velho e o Mar", original do ano de 1952.

A decisão de incorporar elementos da obra "O Velho e o Mar", de Ernest Hemingway, na análise das narrativas de Seu Antônio, vai além da simples similaridade entre os contextos literários. Em vez disso, ela se fundamenta na metáfora presente na história, utilizando-a como uma base para explorar as complexidades da vida e da luta do pescador em meio às adversidades. Apesar das diferenças no status, a metáfora entre o personagem Santiago e Seu Antônio fornece uma perspectiva rica para compreender as experiências compartilhadas por ambos.

Essa metáfora é enriquecida pela abordagem proposta por Tim Ingold, que destaca a importância da percepção como um "enredamento" ativo com o ambiente. Ao considerar as narrativas de Seu Antônio não apenas como relatos de eventos passados, mas como expressões de uma percepção ativa e em constante interação com o meio que vive, ampliamos nossa compreensão sobre como as experiências passadas moldam as práticas presentes e futuras dos pescadores na região do médio rio Uruguai.

Santiago, personagem central em "O Velho e o Mar", enfrenta uma longa escassez de peixes e vive isolado em uma cabana na praia. Apesar de sua idade avançada e fracassos anteriores, ele decide desafiar o oceano mais uma vez, envolvendo-se numa luta épica com um grande peixe. Paralelamente, Seu Antônio, protagonista desta análise, compartilha a solidão e a luta por reconhecimento, conhecendo tempos de fartura e escassez no rio Uruguai. Ambos os personagens, cada um à sua maneira, encaram a vida com fé em suas conquistas e, ao mesmo tempo, enfrentam a desesperança.

Ao aproximar a metáfora do livro às narrativas de Seu Antônio, justificamos o uso da autobiografia como recurso metodológico. Apesar de compreendermos a existência de outras formas de pensar narrativas dentro da antropologia, como as etnobiografias ou ainda falas etnográficas¹, optamos pela autobiografia

¹ Etnobiografias são narrativas de vida que exploram as interações entre a experiência pessoal e a compreensão cultural de um indivíduo ou comunidade, integrando elementos culturais e sociais mais amplos na narrativa. Autores como Michel Perrin e Lourdes de León Pasquel contribuíram para o desenvolvimento desse conceito. Por outro lado, as falas etnográficas consistem em expressões verbais ou textuais registradas durante o trabalho de campo, capturando as perspectivas dos participantes sobre sua cultura. Clifford Geertz e James Clifford são autores relevantes nesse contexto, destacando-se pela interpretação densa das expressões verbais e pela importân-

devido à necessidade de captar a perspectiva individual e subjetiva do pescador em relação à sua vida, às práticas pesqueiras e à interação com o ambiente do rio Uruguai. Esta escolha se alinha à ideia de que autobiografias oferecem uma visão mais íntima e pessoal das experiências, destacando as crenças, valores e percepções individuais que moldam a relação do narrador e sua percepção diante do contexto cultural e ambiental. Ademais, a analogia com a obra “O Velho e o Mar” de Ernest Hemingway reforça a intenção de explorar as complexidades da vida e das lutas de Seu Antônio, justificando a preferência por uma abordagem que destaque a singularidade da narrativa autobiográfica, pois apesar de inseridos a contextos, encontram-se sozinhos.

Seu Antônio, nascido em Erechim/RS, possui uma vida entrelaçada com o rio Uruguai, tendo acompanhado seu pai desde a infância na atividade de transporte de madeira entre o Brasil e a Argentina. Após mais de 60 anos no rio, ele se dedica à pesca e à preservação ambiental, enfrentando desafios com força e coragem. Sua narrativa, entrelaçada com a de Santiago, destaca as peculiaridades expressas para ensinar sobre o rio através da vida e da percepção ambiental. Não se trata apenas de uma “história de pescador”, mas sim de uma exploração das nuances do ambiente e da vida, ancorada na noção de percepção do ambiente como uma forma de “estar no mundo” ativamente, em vez de apenas “ter conhecimento do mundo”.

Dessa forma, este estudo visa não apenas documentar as vivências de Seu Antônio, mas também aprofundar-se na compreensão das dinâmicas ambientais e culturais que permeiam a pesca na região, destacando a importância da percepção e da narrativa autobiográfica como ferramentas valiosas na pesquisa antropológica e na compreensão das relações entre seres humanos e seu ambiente.

Dividimos a exposição em duas partes, para poder de alguma forma pensar em uma construção mútua de reciprocidade entre Seu Antônio e seu ambiente e ainda, realizando pequenas comparações com o romance de Ernest Hemingway. Na primeira parte, para fomentar as questões narradas, utilizamos de autores e autoras que teorizam autobiografias e biografias narrativas para trazer os relatos de Seu Antônio, em que, ao mesmo tempo, que ele narra sobre si, ensina sobre algo ou alguém (ABRAHÃO, 2004), (SOUZA, 2006) e (JOSSO, 2004). Já na subsequente, usamos da relação da percepção ambiental para dar sentido a construções sociais, discursos e engajamentos de Seu Antônio em relação a sua experiência com o rio Uruguai.

Neste sentido, tentaremos trazer, ao longo das páginas, a forma de como as autobiografias de Seu Antônio auxiliam a perceber o engajamento humano com o ambiente que o cerca. Fundamentalmente, a partir de suas falas, podemos compreender como se relaciona com o rio Uruguai e o percebe, nos ajudando a entender melhor experiências e como podemos usá-la para refletir sobre o significado que nos dá.

AUTOBIOGRAFIA E ENGAJAMENTO: “AQUI SE JUSTIFICA A FORMA DA HISTÓRIA”

Segundo Pessano (2008), o rio Uruguai é um dos principais rios do Sul do Brasil, desempenha um papel vital na manutenção ecológica de vários ecossistemas. Fornece água para consumo humano e agrícola, além de possuir grandes recursos pesqueiros que permitem o desenvolvimento da pesca artesanal na área, impactando significativamente a economia, o meio ambiente e os aspectos sociais da região.

Na cidade de Uruguaiana, Rio Grande do Sul, cerca de 600 pescadores/as artesanais estão registrados nas duas organizações responsáveis pela representação deste grupo de profissionais de pesca. Um destas, criada em 29 de junho de 1997, por Antônio Luís da Silva, o Seu Antonio, a Associação de Pescadores Artesanais, é uma entidade representativa da pesca artesanal no rio Uruguai das famílias tradicionais da cidade. Seu Antônio frisa que,

em águas continentais e sem nenhuma ligação com águas salgadas de mar aberto, justificando que a nossa pesca não se enquadra com a pesca do mar; que nossos rios, lagos, lagoas, nascentes, banhados e açudes, são afluentes da bacia hidrográfica do rio Uruguai, que recebe água doce e não salgada. Assim se justifica que a pesca e as espécies de peixes são diferentes do mar; São águas continentais, de água doce, se considera pesca de subsistência, não pesca industrial profissional com fins lucrativos. [...] Que, esta entidade, junto ao seu presidente, que tem um grande conhecimento da história do nosso rio Uruguai, esta história que ele trabalhou 65 anos dentro do rio Uruguai. Hoje ele, já idoso com 87 anos, mostra o que eram os trabalhos no rio Uruguai, a riqueza em madeira de Lei, na costa da bacia do rio Uruguai, que subsidia famílias tradicionais. Que ele lutou junto ao estado de Brasília e lutou 15 anos para resgatar estas famílias tradicionais, que sobreviviam na costa para ter direitos [...]. *Registro escrito por Seu Antônio entregue aos pesquisadores em 17 de abril de 2022.*

Enquanto fundador e presidente da associação, Seu Antônio tem fortemente demarcado em seu discurso a defesa aos direitos dos pescadores e pescadoras artesanais. Há muitos anos compartilha de suas ideias com os demais colegas de profissão, trabalhando para que as próximas gerações possam usufruir do rio Uruguai não só como forma de subsistência para aqueles que dependem da pesca, mas para todos e todas.

Seu Antonio, com seu conhecimento das leis, do rio Uruguai e da vida ribeirinha, descreveu como era a pesca antigamente: matas intocadas, animais para caçar e peixes em abundância. Em suas narrativas, há também denúncias sobre os danos do agronegócio ao rio, com bombas de sucção e descarte inadequado de resíduos tóxicos, que causam danos a todo ecossistema, não só ao rio, mas ao todo complexo do Bioma Pampa.

Souza (1996) afirma que em uma narrativa autobiográfica, há demarcações de diferentes saberes, elaborados a partir dos sentidos da memória em diferentes variáveis, como faixa etária, nível de estudo e participação política, que interferem nos modos de repercussão do passado. Assim, ao reforçar que se trata

de uma associação e não colônia de pescadores. A colônia de pescadores é uma organização informal, geralmente composta por pescadores independentes que compartilham recursos e informações. Já uma associação de pescadores é uma entidade formal, com estatuto e regulamento próprios, que representa os interesses dos pescadores junto a órgãos públicos e instituições financeiras. Ambas visam a melhoria das condições de vida e trabalho dos pescadores.

Seu Antônio por ora se refere a si na terceira pessoa e por outras em primeira, como uma forma equilibrar suas emoções, mostrar alto nível de saber naquilo que está se referindo e ainda, sobre a luta solitária para proteger o rio Uruguai. Uma autobiografia na terceira pessoa é menos comum do que a primeira pessoa, mas ainda pode ser usada para contar a história de uma pessoa. Isso pode ser feito para dar uma perspectiva mais objetiva ou para distanciar o narrador (ou seja, o próprio autor) da história. Além disso, se descrever na terceira pessoa pode permitir incluir detalhes sobre sua vida e pensamentos que ele não teria conhecimento direto.

[...] em defesa das famílias tradicionais, que viviam na costa dos rios, sem nenhum direito de trabalhadores, sem nenhum conhecimento de seus direitos. Eu fui à luta junto as autoridades ambientais do município, do estado e da federação. Uma luta de 20 anos. Assim podem registrar essa profissão representativa em defesa da pesca, do meio ambiente e do rio Uruguai no nosso município. De criar um laboratório na Unipampa, com mais de 20 cursos, junto aos pescadores e suas famílias, para criação de alevinos de peixes nativos para aproveitamento dos recursos do rio Uruguai. Assim a Associação de Uruguaiana, como o apoio dos prefeitos, luta mais de vinte anos. Luto dentro da minha própria casa, como uma sede provisória, até construir uma sede que possa atender aposentados, famílias [...]. *Narrativa de Seu Antônio, registrada em diário de campo de 12 de dezembro de 2022 pela segunda autora.*

Seu Antônio é a personificação da própria associação de pescadores, e numa mistura dela e de si, o engajamento em sua história vai surgindo. Ele retrata a vida, a infância, e a memória, sobre diversas formas de aprendizado pedagógico pela repetição de fatos (PINEAU, 2006, 41). A repetição ajuda a enfatizar certos pontos e a estabelecer uma narrativa coerente. Ao repetir uma história ou um evento várias vezes, cada vez com mais detalhes ou perspectivas diferentes são agregadas para ajudar na compreensão do significado ou a importância da história. São narrativas de experiência, em que se define e personificam-se figuras, saberes e afeições, numa competência flexiva sobre o que se narra. Já o personagem Santiago fala pouco sobre si, mas suas atitudes ao longo do livro, fundam-se como uma metáfora biográfica sobre as condições emocionais, intelectuais e morais, mas também como forma de aprendizagem.

Para Ingold (2010), a aprendizagem é vista em como algo que acontece na prática através de movimentos engajados no mundo. Esses engajamentos não se fixam em dicotomias e dão conta de comportamentos e valores do corpo e da corporalidade como uma produção de experiências ecológicas vividas que dão sentido aos fluxos e movimentos. O significado da experiência humana não é

apenas expressão de uma ordem estrutural-simbólica particular, mas como inerente ao processo pelo qual é construída.

O narrador auxilia no processo imaginativo construído, trazendo características fundamentais, reforçam a velhice e o cansaço, como nas palavras de Seu Antônio. E assim, entre histórias cruzadas sobre o mar e o rio, no caso dos dois personagens, há relatos fabulosos, que misturam memória e imaginação. Muitas vezes, há o recurso de frases estereotipadas, expressões e segmentos de narrativas, improvisadas e dependem da interpretação e reação de quem escuta ou lê para serem compreendidas (DARNTON, 2015).

Na obra de Ernest Hemingway, a narrativa épica sobre o peixe que não é visto, mas percebido, retoma o conjunto de sentidos presentes em "*Marcher avec les dragons*", de Ingold (2013), em que há a proposta de como poderíamos nos curar das dicotomias entre o mundo real e a imaginação. Seu Antônio não tem um peixe, mas tem pensamentos e dores que se fundam, como se este fosse uma metáfora do sonho de preservação do rio Uruguai. Ouvir suas palavras nos faz ver e acreditar na possibilidade imaginativa em um mundo mais-do-que-humano e nos compromissos que isso implica.

Capitalismo e a matriz colonial atravessam os dois personagens. Enquanto Santiago é alocado na ficção construída a partir do que acontece no território cubano e as políticas neoimperialistas advindas dos Estados Unidos, Seu Antônio retrata a disputa constante com os arroteiros da região. Eles lidam com poderes hegemônicos que visam a prática de domínio e exploração, mas ao contrário de Santiago que representa ser um homem silenciado, o presidente da associação de pescadores não aceita a lógica de subalternidade imposta.

Uruguiana 20/07/2006

MINHA VIDA E UMA HISTÓRIA DE LUTA DENTRO DA ASSOCIAÇÃO PESCADORES PROFISSIONAIS ARTESANAIS."

Minha vida de trabalho no Rio Uruguai. Hoje estou com setenta e um anos, desde 1956 a 1976 conheço às águas do Rio Uruguai, trabalhei como marinheiro fluvial transportando madeira de lei, de exportação Brasil/Argentina desde o alto Uruguai, de São Xavier à Federação Argentina, a Salto Grande.

De 1977 a 1997 como pescador profissional, por isso digo que conheço o Rio Uruguai dos dois lados. O tempo de fartura e de riqueza do meio ambiente agora está tudo depredado. O meio ambiente foi destruído pouco a pouco pelos nossos arroteiros. Destruíram as matas para usarem as lenhas em secadores de arroz, destruíram com todos os banhados abrindo milhares de valos para secarem os mesmos "banhados" e lagos, a criação de gado não deixando as matas silvestre crescer; não bastando tudo isso as poderosas bombas de arroz puxando dos berçários alevinos nas épocas de piracema tirando milhares destes alevinos por hora cada bomba, e retornando à água para os Rios cheias de venenos, sabendo que tudo isso são nas terras da união. Porque qualquer pescador sabe que 600 metros da barranca do Rio pertencem à União,

VOCÊ ACREDITA QUE UM LAVOUREIRO NÃO VAI SABER? Considerando tudo isso, só podemos responsabilizar pelos crimes ambientais:

1º As bombas de arroz

2º São as áreas de reservas proibidas por lei que não são remarcadas como cachoeira e corredeiras, pois é nessas áreas do Rio Uruguai é que o peixe se reproduz e se alimenta até ficarem adultos, nestas áre-

as é que vemos acontecer o oposto do que eu penso. Aí nestes locais existem acampamentos fixos fazendo pesa ile arrastão todo tempo, sabendo que são áreas proibidas e que não existe fiscalização. Sabemos que as Autoridades competentes sabem muito bem e não é por alta de denúncia e não tomam providência, resumo de tudo isso foi criar uma ASSOCIAÇÃO DE URUGUAIANA, graças a Deus já conseguiram muitos objetivos por procurar os direitos dentro de direitos, lutando com humildade transparência junto as autoridades competentes (Municipais, Estados e Federais) e também à nossa Secretaria Especial da Aquicultura Pesca, da Presidência da República, SEAP com o nosso representante estadual JOÃO DIAS MACHADO que luta junto a nós e também o nosso ministro da pesca SR. JOSÉ FRITS e também o nosso Presidente da República SR. LUIZ INACIO LULA DA SILVA, desde 2003 fazendo duas Conferências Estadual e duas Federais da pesca, e ouvia os delegados de cada municípios, os pescadores delegados de cada estado, ouvindo o que precisaria fazer em cada Bacia Geográfica de cada Estado, como nos do Rio Uruguai formar legislação própria e salvar o meio ambiente. *Arquivo pessoal de Antônio Luís da Silva – disponibilizado em 26 de outubro de 2021 aos pesquisadores.*

Segundo Tzvetan Todorov, em *“Memória do Mal, Tentação do Bem”* (2005), o papel do testemunho tangencia nossa própria existência, transformando e acomodando os acontecimentos diante da imagem do passado. Neste sentido, não se trata de perceber aquele que fala por verdades ou não, mas como uma maneira de evocar o passado conforme aquilo que é necessário ser dito. São histórias contextualizadas numa memória compartilhada, que segundo Abrahão (2003), são narrativas fechadas à comprovação e não podem ser simplesmente julgadas como verdadeiras ou falsas: elas expressam a verdade de um ponto de vista, de uma situação específica no tempo e no espaço (ABRAHÃO, 2003).

A autobiografia e a percepção engajada são ferramentas valiosas para a compreensão pessoal e a construção de uma sociedade mais justa para todos. Assim, a metáfora entre a balsa de Seu Antônio e o barco de Santiago, vem como um peso que se carrega ao longo do tempo, porém com conotações diferenciadas entre um e outro. Quanto o velho Santiago diz a si, para descansar e não pensar em nada sendo transportado por pequenas ondas, Seu Antônio tem no transporte de madeira na balsa, o movimento de consciência, como parte importante de sua história para a luta de preservação do ambiente que circula o rio Uruguai.

A proibição do transporte de madeira no rio Uruguai foi implementada visando preservar as florestas nativas e evitar a degradação ambiental causada pela exploração excessiva da madeira. A medida foi tomada devido às preocupações com a perda de biodiversidade e a degradação do ecossistema, bem como o impacto negativo sobre as comunidades locais que dependem das florestas para sua subsistência. A proibição também visa ajudar a garantir a sustentabilidade das florestas e a preservação dos recursos naturais para as gerações futuras. Assim, a atividade, hoje proibida, serviu como um grande ensinamento: ao tornar-se pescador artesanal, usou da experiência para habitar o rio e como condição de ação, num conjunto de percepções a partir da cognição que deram o tom do movimento do práxis a partir de múltiplos sentidos.

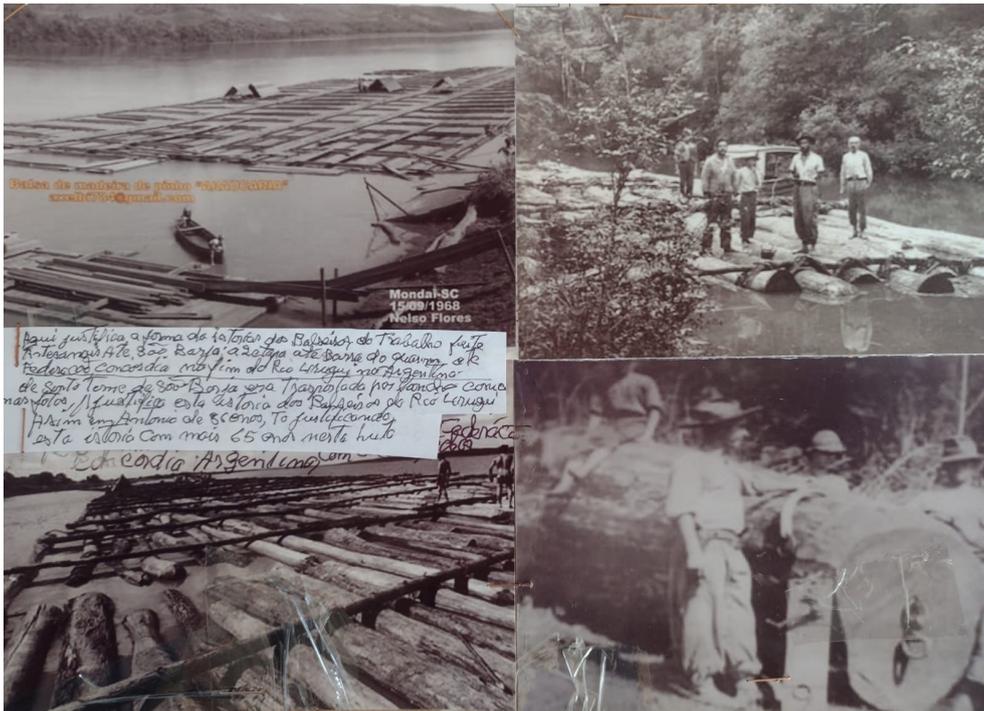


Figura 2: Reprodução de conjunto de fotografias da profissão de balseiro do acervo pessoal de Antônio Luís da Silva disponibilizado em sua casa/sede da associação de pescadores. Foto retirada pelo primeiro autor 26 de outubro de 2021

Aqui se justifica a forma da história dos balseiros, do trabalho feito artesanal, até São Borja. A segunda etapa até Barra do Quaraí até Federação Concordeia, no fim do rio Uruguai na Argentina. De São Tomé de São Borja já era transportada por prancha como nas fotos. Justifica esta história dos balseiros do rio Uruguai. Assim era Antônio com 86 anos, estou justificando esta história com mais de 65 anos nesta luta. *Transcrição de legenda em foto cunhada por Antônio Luís da Silva. Foto pertencente ao arquivo pessoal do interlocutor.*



Figura 3: Reprodução de conjunto de fotografias da profissão de balseiro do acervo pessoal de Antônio Luís da Silva disponibilizado em sua casa/sede da associação de pescadores. Foto retirada pelo primeiro autor 26 de outubro de 2021

Assim vai ser com a Amazônia. Assim era em 1950 até 1978. Assim era a Costa do rio Uruguai do lado do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Foi Assim a história. *Transcrição de legenda em foto cunhada por Antônio Luís da Silva. Foto pertencente ao arquivo pessoal do interlocutor.*

O processo de construção de uma narrativa pode permitir ao narrador a capacidade de se autorreflexão, fornecendo-lhe uma percepção maior de si próprio, ao mesmo tempo que lhe permite reconhecer seu próprio caminho e seus desafios. (ABRAHÃO, 2004, 203). Assim, narrativas de memória compartilhada por Seu Antônio, somara-se como um misto sobre rio Uruguai e sobre si. Chama atenção a aprendizagem engajada pelas experiências vividas (INGOLD, 2018).

No contexto de autobiografia, o engajamento pode se referir a como quem narra se envolveu em determinadas causas ou lutas políticas ao longo de sua vida, e como essas experiências afetaram sua visão do mundo e suas ações. Assim, algumas autobiografias podem ser consideradas engajadas, pois quem narra usa de sua fala para exemplificar sobre questões sociais e políticas importantes, e usar sua história para inspirar outras pessoas a se envolverem em causas semelhantes. Podem ser um importante meio de sensibilização e inspiração para as pessoas.

No livro “O Velho e o Mar”, escrito por Ernest Hemingway, tem muitas características em comum com as autobiografias narradas, pois também é perspectiva íntima e pessoal, numa experiência similar de uma autobiografia narrada. O romance contém muitos elementos da realidade, como a passagem do tempo, as lutas pessoais e a perspectiva ambiental, que também são elementos comuns entre na autobiografia de Seu Antônio. A obra e o processo de autobiografia são como dois lados da mesma moeda. Ambos são exercícios de introspecção que fazem refletir sobre si mesmo e sobre a vida. “O Velho e o Mar” é um relato ficcional, mas ainda assim reflete as experiências e as dificuldades.

Por outro lado, a autobiografia é um relato de fatos da vida do autor, do qual ele pode aprender, e neste sentido, a memória basilar, constrói significação de vivências e novas narrativas diante de sua perspectiva social situada. Assim, a experiência e a memória orientam a narrativa e nos fazem observar a dimensão do processo de autoconstrução como um engajamento no mundo. Assim, a narrativa conduz a possibilidade de contar experiência e apresenta vislumbres de si nos diversos tempos e espaços representados por Seu Antonio no rio e em suas atividades profissionais ligadas a ele.

A autobiografia de Seu Antônio é uma ferramenta poderosa de engajamento, pois nos ajuda a conhecer melhor e nos conectar com suas raízes a partir do rio Uruguai. Suas histórias, revisitam as memórias, as experiências e os valores que o definem e com o compartilhamento destas com o mundo, tanta inspirar outras pessoas a buscar e a lutar por aquilo que acreditam. Ao documentar sua própria vida, permite usar suas experiências para informar e melhorar a compreensão de outras pessoas.

PERCEPÇÃO E AMBIENTE: RESUMO DE UMA LUTA DE AMOR

Em “O Velho e o Mar”, Santiago usa todos os seus sentidos e intuição, adquiridos com a sua experiência como pescador, para perceber o ambiente. Ele presta atenção às correntes marinhas, às condições climáticas, ao comportamento dos peixes e aos sinais do mar para determinar onde pescar e quando lançar sua linha. Além disso, ele confia em sua intuição para decidir quando é hora de retornar, mesmo quando ainda tem muitos peixes para capturar. Esta combinação de sentidos e intuição permite que Santiago se adapte às condições do mar e sempre transforme sua habilidade de pescador.

No livro há algumas demonstrações de amor e respeito ao ambiente que incluem o conhecimento adquirido ao longo dos anos na atividade pesqueira, que inclui os esforços de preservação e harmonia com a natureza para o equilíbrio natural do ambiente marinho. Esses fatores contribuem para a construção de seu personagem e garantem que sua personalidade e trajetória seja pensada em comparações e contrapontos a de Seu Antônio.

A vida de Santiago está cheia de desabafos que, juntos, compõem sua profunda personalidade ao longo do romance. Ele deseja ter alguém com quem compartilhar suas lutas, e encontra isso no menino que o acompanha. O menino admira Santiago pelo seu conhecimento e habilidade como pescador, e Santiago, no que lhe concerne, tem preocupação com seu bem-estar e o ensina sobre o ofício. No entanto, o menino deixou de acompanhá-lo porque seu pai o proibiu, com medo de que Santiago não consiga protegê-lo dos riscos do mar. Santiago também desabafa sobre sua fraqueza física e como isso o impede de realizar tarefas, além do medo de permanecer no mar.

Seu Antônio e Santiago apresentam muitas semelhanças quando se trata de determinação e consciência. Seu Antônio, se ainda estivesse ativo na profissão de pescador, provavelmente teria desabafos similares aos de Santiago. No capítulo 19, Santiago expressa sua força de vontade ao dizer: *“Eu posso suportar qualquer coisa. Só me dê uma chance.”* Esta frase evidencia sentimentos que ambos compartilham, apesar de serem provenientes de contextos profissionais diferentes e de ambientes distintos. Por meio de sua grande força mental, Seu Antônio e Santiago conseguem vencer quaisquer desafios que se apresentam diante deles.

Antônio Luís da Silva, aos 87 anos, luta incansavelmente por reconhecimento, compartilhando suas ideias e buscando alguém que se engaje em seu projeto. Para Santiago, foram 84 dias sem peixes, o que era inconcebível para o grupo de pescadores. Eles riem ao longo da obra de sua determinação de voltar ao mar, mesmo depois de tantos fracassos. Outros pescadores também fazem o mesmo com Seu Antonio, principalmente com relação à preservação do meio ambiente. Apesar disso, ele não desiste de lutar pelo Rio Uruguai como fonte de trabalho para muita gente, defendendo seus direitos como cidadãos. Seu sonho é ver o Rio Uruguai voltar a ser um lugar adequado para pescar e viver, oferecendo oportunidades e qualidade de vida.

RESUMO DE UMA LUTA DE AMOR

Este é um desabafo de um pescador que nunca teve outro trabalho senão fosse nas águas do Rio Uruguai, por isso como cidadão tenho direito de anos de luta em defesa de peixes e do meio ambiente, e sabendo que o Rio Uruguai é nossa firma de emprego, e daí é que tiramos o nosso pão de cada dia para nossos filhos, e sabemos que nos dá direito a ser uma classe Especial, de ter direito de cidadão, no INSS para aposentadoria, auxílio-doença, pensão maternidade, seguro-desemprego etc. Tudo isso amparado por lei trabalhista, esta é uma faze da minha história de vida.

Quando todos se conscientizaram, o nosso Rio Uruguai voltara a ser um lugar bom de pescar e viver. Então será completo meu sonho em defesa do Rio Uruguai. Desse seu AMIGO aos pescadores e pescadoras profissionais de nossa querida Uruguaiana. *Arquivo pessoal de Antônio Luís da Silva – disponibilizado em 26 de outubro de 2021 aos pesquisadores.*

Ailton Krenak (2019) afirma que para algumas pessoas, os sonhos são como uma renúncia a realidade, e por isso pode parecer que para os demais pescadores, tanto na obra de Ernest Hemingway, quanto aqueles que acham que a luta de Seu Antônio é em vão. No entanto, Krenak (2019) afirma que para muitos outros, os sonhos são essenciais para dar sentido à vida, e para alcançar respostas para questões práticas que não conseguimos discernir quando estamos acordados (Krenak, 2019, 52). Ao encontro disso, Ingold (2019) indaga se o mundo dos sonhos é tão distinto daquilo que está dentro de nossas práticas cotidianas, durante o nosso estado de vigília. Diante disso, propõem uma interação entre a realidade e a imaginação, para criar um universo em que nos sentimos vivos e nosso entorno também nos dá vida.

Santiago também sonha, usa todos os seus sentidos e intuição, adquiridos com a sua experiência como pescador, para observar o seu ambiente, assim como Seu Antônio. A partir do trecho destacado, a vida de pescador é colocada como parte de um grupo social com características específicas que necessitam de um olhar diferenciado para políticas públicas que visem essas particularidades. É evidente que sua luta é motivada pela necessidade de garantir a sobrevivência, tanto material quanto simbólica, de sua comunidade. Por meio de sua narrativa, expressa sua experiência de vida, assim como a luta da comunidade para preservar seu meio de subsistência. O trecho também destaca a conscientização coletiva sobre a importância dos direitos dos trabalhadores, assim como a esperança de um futuro melhor para a comunidade.

Neste sentido, percepção torna-se elemento central para pensarmos as narrativas de vida de Seu Antônio para podermos, a partir de sua própria interpretação, compreender os diferentes fatores de significações dadas através do seu engajamento no mundo. No que tange a pesca, inclui o tipo de atividade específica na qual se destina, esse engajamento perpassa aos recursos naturais que garantem a subsistência, incluindo o modo de ser específico de cada comunidade. A percepção está influenciada por fatores como as condições ambientais, as relações comunitárias e as políticas de gestão dos recursos, onde Seu Antônio encontra-se ativamente envolvidos na criação e interpretação de significados de suas próprias falas.

Ingold (2008), afirma que a percepção não é simplesmente uma questão de ver ou ouvir algo, mas é uma prática ativa que envolve o indivíduo em uma série de atividades cotidianas, como caminhar, trabalhar e conversar, num processo constante de atenção através de suas práticas cotidianas. E com isso, torna-se uma forma de aquisição de conhecimento através da experiência direta com o ambiente. Em um processo dinâmico, envolve ação e resposta, pois nos ajuda a nos adaptar ao ambiente em que vivemos.

Seu Antônio, imerso na riqueza da vivência ao longo do rio Uruguai, desenvolve uma percepção profunda e ativa do ambiente, seguindo os princípios de Ingold (2021) em sua obra "The Life of Lines". Ingold propõe uma visão dinâmica da percepção, destacando-a como uma prática contínua, intrinsecamente entrelaçada às atividades humanas e à evolução do ambiente. No livro "Imagining for Real" (2021), o autor explora a interconexão entre percepção e imaginação, argumentando que a compreensão do mundo vai além da observação direta, sendo moldada pelas experiências subjetivas e pela participação ativa na construção de significados.

Ao longo de sua jornada, Seu Antônio transcende a mera relação passiva ao ambiente fluvial. Ele não apenas se adapta, mas participa ativamente na construção de significados e simbolismos associados a esse ecossistema. A conexão entre Seu Antônio e o cenário ribeirinho do Uruguai é resultante de sua longa história de vivência e interação com as águas sinuosas e a rica biodiversidade que o caracteriza. Sua percepção, permeada por experiências sensoriais e emocionais, reflete uma prática significativa na construção ativa de significados em seu mundo fluvial.

O rio emerge na relação através do gesto da travessia, ganha vida de maneira excepcional na percepção singular de Seu Antônio em relação ao rio Uruguai. Para Ingold, a percepção não é apenas uma atividade mental, mas uma ação intrínseca. Seu Antônio, ao longo de sua existência, cultivou uma profunda conexão com o ambiente, aplicando a teoria de Ingold no desenvolvimento de sua educação da atenção. Sua atenção meticulosa aos detalhes e a apreciação da importância de cada elemento ambiental permitiram-lhe fazer escolhas conscientes em relação ao meio que o rodeia.

A perspectiva de Ingold (2012) sobre habitar um lugar como uma experiência de interconexão entre pessoas, lugares e coisas encontra ressonância na vida de Seu Antônio. O rio Uruguai não é apenas um corpo d'água para ele; é uma parte de sua identidade. Seu Antônio personifica a essência de um verdadeiro habitante, navegando não apenas fisicamente pelo rio, mas também vivendo a essência desse ambiente em cada escolha e ação consciente. Além disso, ele compreende a responsabilidade coletiva, reconhecendo que as ações individuais têm implicações para o futuro, sendo todos nós parte de um todo maior.

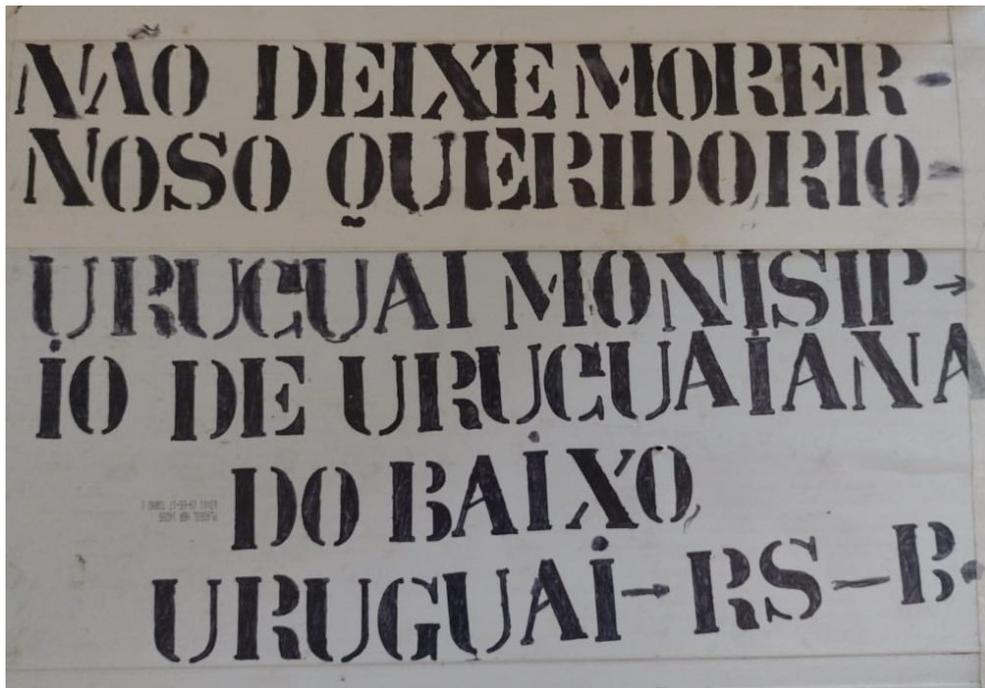


Figura 4: cartaz exposto na parede da casa de Seu Antonio. Foto retirada pelo primeiro autor 26 de outubro de 2021

Não deixe morrer nosso querido rio Uruguai, município de Uruguai-ana do baixo Uruguai – RS – Brasil. *Transcrição de legenda em foto cunhada por Antônio Luís da Silva. Foto pertencente ao arquivo pessoal do interlocutor.*

Sob a perspectiva de Ingold, as pessoas se conectam ao que já existe antes de serem ocupantes. O ambiente, para Ingold, é um desafio a ser experimentado e habitado, uma via dual entre agir e perceber. O rio Uruguai, para Seu Antônio, não é uma entidade neutra, mas sim uma parte interligada de seu ser. Cada pescador, em sua singularidade, interage de maneiras distintas e interpreta o mesmo ambiente de maneiras diversas, refletindo a complexidade das relações entre as pessoas e o ambiente que habitam.

Ao referir-se a vida do rio Uruguai, Seu Antônio compreende a capacidade geradora de relações e os fluxos necessários para se manter o processo vital do ambiente. Com criatividade dá movimento a compreensão da vida como capacidade geradora de relações entre elas formando linhas de emaranhado de coisas como se fossem malhas entrelaçadas de crescimento e movimento (INGOLD, 2022). O rio e Seu Antônio se significam mutuamente, se combinando em diversas formas, ora como balseiro ou como pescador, mas também, como um defensor do rio para todos, não só como um meio de subsistência para as famílias de pescadores e pescadoras.

Ailton Krenak, em “Ideias para adiar o fim do mundo” (2019), ao explicar a relação dos Krenak com o rio Doce, afirma que ele não é apenas dos indígenas, mas de todas as pessoas. Para o autor, o rio não é um recurso ou algo que possa ser apropriado, como referido pelas lógicas do capitalismo. O rio é como uma pessoa, parte de um coletivo que diz respeito ao habitar um lugar específico, em que as pessoas se organizam e vivem. É o rio que sustenta a vida às suas margens (KRENAK, 2019). Quando há a despersonificação do rio, segundo Krenak (2019)

tiramos dele o sentido e o liberamos para se tornarem lugar residual, morto.

A luta de Seu Antônio para não deixar o rio Uruguai morrer, também é uma forma de perceber, a partir de exemplos de outros rios no Brasil: a morte do rio Doce, por rejeitos tóxicos que desceu de uma barragem de contenção de resíduos e a morte do rio dos Sinos, na região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, por falta de oxigênio por conta da poluição advinda de descarte de lixo irregular. O rio Uruguai, enquanto parte do Bioma Pampa, sofre com as mesmas ameaças como perda da biodiversidade, erosão, desmatamento e exploração excessiva dos recursos naturais. Todas essas, assim como nos outros rios, em consequência do capital.

O personagem principal de “O velho e o mar”, também é um percebedor de si e de seu ambiente. Assim como Seu Antônio, também é afetado e afeta, sendo possível compreender seus pensamentos e sentimentos através da narrativa. No livro, a relação com o ambiente é esboçada numa profunda conexão entre o mar e aqueles que vivem ao seu redor, assim o mar, como o rio Uruguai para Seu Antônio, é parte fundamental de sua vida e identidade. A luta de Santiago contra o peixe, representa a luta da humanidade contra a natureza, ação tão criticada por seu Antônio. Ao final, quando Santiago retorna para casa, sua experiência mostra uma profunda compreensão e respeito pelo meio ambiente e pelas forças da natureza e a necessidade de viver em harmonia com o ambiente.

CONCLUSÃO

Neste texto, exploramos a jornada de Seu Antônio e sua conexão com o rio Uruguai, visando estabelecer um panorama de como a ficção de Ernest Hemingway poderia influenciar e se relacionar com conceitos estabelecidos entre o ambiente e a sociedade como uma forma de envolvimento no mundo. Ao ler a autobiografia de Seu Antonio, podemos compreender sua percepção sobre como diferentes atividades econômicas afetam o ambiente e como isso pode ser usado para sua conscientização, a exemplo da mudança da atividade de transporte flutuante para pesca. A condição da ação fundou-se como um elemento essencial para que, logo em sequência, se tornasse um líder comunitário.

Como fundador e presidente da Associação de Pescadores Artesanais, atua há décadas em defesa dos direitos dos pescadores e pescadoras artesanais, compartilhando seus conhecimentos como um guia para garantir a conservação da riqueza do rio Uruguai para as gerações futuras. Ao refletir sobre seu passado, traça o retrato de pessoas e lugares que fazem parte de sua história, as envolvendo trajetórias em movimentos resultantes de interações constantes e dinâmicas que se desenvolvem ao longo do tempo. É através deste processo que suas memórias mesclam o passado e presente e evocam o futuro do rio como um elemento vital na conservação dos ecossistemas e como fonte de água, sustento para muitas famílias e futuras gerações.

A similaridade com o personagem Santiago, estimula a compreensão da experiência da pesca e o compartilhamento de sentimentos que se unem ativamente ao habitar o mundo em harmonia com a natureza. Entre outros tópicos, destacamos de que forma a vida é influenciada por fatores diversos, como idade e participação política. Essas características dizem respeito a formação e engajamento de seus conhecimentos e na manutenção de memória. Também enfatizamos a necessidade dos dois personagens, de não somente falar sobre si, mas de ter alguém que possa ouvir, habitar e perceber o que está ao seu redor, para que todos possam aprender com e como eles. Talvez este seja o nosso papel, por ora, enquanto pesquisadores.

Assim, Seu Antônio e o personagem Santiago, representam a importância da percepção humana em relação ao ambiente, mesmo que ainda enquanto um sonho. O sonho pode ser uma forma de habitar o mundo, mesmo quando este mundo é imaginário. Em ambos os exemplos, a compreensão da relação entre sociedade e ambiente, são fundamentais para o engajamento no mundo e para o nosso papel como seres humanos na conservação do ambiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. História e Educação. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas. nº 14, 2003
- DARNTON, Robert. O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa; tradução de Sonia Coutinho. 2ª ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- HEMINGWAY, E. O velho e o mar. 8ª ed. Tradução de Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.
- INGOLD, T. Antropologia para que serve? Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 2019.
- INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/6777> Acesso em: 23 de dezembro de 2022.
- INGOLD, T. L'anthropologie comme éducation. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2018.
- INGOLD, T. Marcher avec les dragons. Paris: zones sensibles, 2013.
- INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horiz. antropol. vol.18 nº. 37 Porto Alegre Jan./June 2012 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/JRMDwSmzv4Cm9m9fTbLSBMs/> Acesso em 14 de novembro de 2022
- INGOLD, Tim , « Pare, olhe, escute! » – um prefácio », Ponto Urbe [Online], 3 | 2008 Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1925> Acesso em 17 de novembro de 2022.
- INGOLD, Tim. "Territoriality and tenure: the appropriation of space in hunting and gathering societies." In: The appropriation of nature: essays on human ecology and social relations, pp. 130-164. Iowa City: University of Iowa Press. 1987.
- INGOLD, Tim. Linhas: Uma breve história. Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 2022.
- INGOLD, Tim. The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill. London: Routledge. 2000
- JOSSO, M-C. Experiência de vida e formação. São Paulo: Cortez. 2004.
- KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- PESSANO, E. F. C. Análise da atividade pesqueira no rio Uruguai médio, diante do panorama da associação de pescadores de Uruguaiana, RS – Brasil. Biodiversidade Pampena, Uruguaiana, 2008, p. 49-62
- PINEAU, Gaston. As histórias de vida como artes formadoras da existência. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.) Tempos, Narrativas e Ficções: a invenção de si. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006,
- RICOEUR, P. Percurso do reconhecimento. São Paulo: Loyola, 2006
- SOUZA, C. P. et al. Memória e autobiografia: formação de mulheres e formação de professoras. In: Revista Brasileira de Educação, Revista Brasileira de Educação, n. 2, p. 61-76, maio/ago. 1996

SOUZA, E.C. e Abrahão, M.H.M.B. (Orgs.) Tempos, narrativas e ficções: A invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2006

TODOROV, T. Memória do mal, tentação do bem: Indagações sobre o século XX. São Paulo: ARX: 2005.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia - um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.